



História da Educação

ISSN: 1414-3518

ISSN: 2236-3459

Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em
História da Educação

Moraes, Felipe Tavares de
JOSÉ VERÍSSIMO, UM CLÁSSICO BRASILEIRO: A ANTOLOGIA ESCOLAR
COMO CANONIZAÇÃO LITERÁRIA E FORMAÇÃO DE LEITORES
História da Educação, vol. 23, e87137, 2019
Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação

DOI: 10.1590/2236-3459/87137

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321660471037>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

redalyc.org
UAEM

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Artigo

JOSÉ VERÍSSIMO, UM CLÁSSICO BRASILEIRO: A ANTOLOGIA ESCOLAR COMO CANONIZAÇÃO LITERÁRIA E FORMAÇÃO DE LEITORES

Felipe Tavares de Moraes¹

RESUMO

Analisa-se neste artigo a antologia escolar “José Veríssimo – Crítica”, seleção e estudo crítico de Olívio Montenegro, editado pela Editora Agir, na coleção “Nossos Clássicos” (1958), como uma forma de *recepção* e *seleção* dos estudos literários da extensa obra histórica, educacional, etnográfica e literária de José Veríssimo. Argumenta-se que esta antologia escolar *registrou* o processo de canonização literária de José Veríssimo como crítico literário e, a partir disso, *produziu* o processo de formação de leitores ao aderir uma chave de leitura sobre a obra de José Veríssimo: a transformação em *clássico brasileiro* na consagração do *crítico literário* – contribuindo para um *silêncio bibliográfico* sobre os seus estudos dedicados a sociedade e a cultura amazônica oitocentista.

Palavras-chave: José Veríssimo, antologia escolar, formação de leitores, canonização literária.

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo/SP, Brasil.

JOSÉ VERÍSSIMO, UN CLÁSICO BRASILEÑO: LA ANTOLOGÍA ESCOLAR COMO CANONIZACIÓN LITERARIA Y FORMACIÓN DE LECTORES

RESUMEN

En este artículo la antología escolar "José Veríssimo – Crítica", selección y estudio crítico de Olívio Montenegro, editado por la Editora Agir, en la colección "Nossos Clássicos" (1958), como una forma de recepción y selección de los estudios literarios de la extensa obra histórica, educativa, etnográfica y literaria de José Veríssimo. Se argumenta que esta antología escolar registró el proceso de canonización literaria de José Veríssimo como crítico literario y, a partir de eso, produjo el proceso de formación de lectores al adherir una clave de lectura sobre la obra de José Veríssimo: la transformación en clásico brasileño en la consagración del crítico literario - contribuyendo a un silencio bibliográfico sobre sus estudios dedicados a la sociedad y la cultura amazónica oitocentista.

Palabras clave: José Veríssimo, antología escolar, formación de lectores, canonización literaria.

JOSÉ VERÍSSIMO, A BRAZILIAN CLASSIC: SCHOOL ANTHOLOGY AS LITERARY CANONIZATION AND TRAINING OF READERS

ABSTRACT

This article analyzes the school anthology "José Veríssimo – Crítica", selection and critical study of Olívio Montenegro, edited by Editora Agir, in the collection "Nossos Clássicos" (1958) as a form of reception and selection of the literary studies of the extensive historical, educational, ethnographic and literary work of José Veríssimo. It is argued that this school anthology recorded the process of literary canonization of José Veríssimo as literary critic and, from this, produced the process of formation of readers by joining a key of reading on the work of José Veríssimo: the transformation into Brazilian classic in the consecration of the literary critic - contributing to a bibliographical silence about his studies dedicated to society and the nineteenth century Amazonian culture.

Keywords: José Veríssimo, school anthology, readership formation, literary canonization.

JOSÉ VERÍSSIMO, UN CLASSIQUE BRÉSILIEN: ANTHOLOGIE SCOLAIRE COMME CANONISATION LITTÉRAIRE ET FORMATION DE LECTEURS

RÉSUMÉ

Analyse dans cet article l'anthologie de l'école "Jose Veríssimo – Crítica", la sélection et l'étude critique de Olivio Monténégro, publié par Editora loi, la collection "Nossos Clássicos" (1958), comme un moyen de réception et de sélection des études littéraires du vaste oeuvre historique,

pédagogique, ethnographique et littéraire de José Veríssimo. On soutient que cette anthologie scolaire a enregistré le processus de canonisation littéraire de José Veríssimo en tant que critique littéraire et, de cela, à condition que le processus d'éducation des lecteurs à se joindre à une clé de lecture sur les travaux de Jose Verissimo: la transformation classique brésilienne le critique littéraire de la consécration - contribuer à un silence bibliographique sur ses études consacrées à la société du XIXe siècle et la culture amazonien.

Mots-clés: José Veríssimo, anthologie de l'école, formation des lecteurs, canonisation littéraire.

INTRODUÇÃO

A antologia escolar “José Veríssimo – Crítica”, com seleção e estudo crítico de Olívio Montenegro (1958), foi editada pela Editora Agir, na coleção “Nossos Clássicos”. É organizada em três partes: a) Apresentação – com a contextualização histórica e estudo crítico; b) Antologia – seleção de trechos das obras “Cenas da Vida Amazônica” (contos), “A Educação Nacional”, “Homens e coisas Estrangeiras”, “Estudos de Literatura Brasileira”, “História da Literatura Brasileira” e “Letras e Literatos”; c) Bibliografia do Autor, Bibliografia sobre o Autor, Julgamento Crítico e Questionário. A coleção “Nossos clássicos” da Editora Agir veio a estampa em 1957. Organizada por Alceu Amoroso Lima, Roberto Alvim Corrêa e Jorge de Sena, a coleção pretendia oferecer seleções de textos, estudos críticos, indicações de leitura e questionários didáticos de autores fundamentais da literatura brasileira e portuguesa.

A coleção obedeceu a critérios estéticos muito similares a *Antologia Brasileira (1895-1969)* de Fausto Barreto e Carlos de Laet. Segundo Marcia Razzini (2002) aquela representou a antologia mais longeva utilizada no ensino secundário brasileiro, atingindo 43 edições até 1969 e havia sido adotado precipuamente no Colégio Pedro II e se disseminando pelas escolas brasileiras como modelo de material didático de leitura. Seu objetivo era contribuir para uma formação clássica dos alunos secundaristas, a partir de textos canônicos da literatura brasileira e portuguesa. A escola secundária preocupava-se com a educação da elite e setores abastados da classe média, tornando-se necessário ofertar repertório cultural erudito que satisfizesse as necessidades de formação lettrada e distinção intelectual. Conforme Suzete Bonatto (2014), este modelo de antologia escolar foi vigente até a década de 1970:

[...] tratava-se ainda de textos recolhidos de livros autorais, antologias ou da imprensa – não necessariamente elaborados para o leitor em formação, criança ou adolescente. Cabia, portanto, ao autor/organizador do livro didático escolher textos ‘apropriados’ aos estudantes – e se o texto era tomado de uma antologia editada por



um(a) especialista, já era meio caminho andado. Um LDP [Livro Didático de Português] desse nível de ensino não tem o compromisso de apresentar os supostos “melhores textos” de cada autor, apenas bons textos – exemplares, formadores ou apenas (como se isso fosse pouco!) divertidos (BONATTO, 2014, p. 90).

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1971 modificou-se os parâmetros deste modelo educação clássico e erudito, concebendo as disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura como “instrumentos de comunicação” que deveriam estabelecer articulação com modulações da linguagem canônica consagrada pela literatura ao lado daquelas veiculadas pelos meios de comunicação de tiragem imprensa: jornais, revistas, quadrinhos etc. Os produtos da indústria cultural abasteciam as bancas de jornal e livrarias carregados de informações e entretenimento estrangeiro que ainda não haviam sido incluídos no contexto escolar (BONATTO, 2014; RAZZINI, 2002).

É neste contexto que a coleção “Nossos clássicos” iniciou a sua publicação: como uma forma de preservação do vernáculo nacional expresso no cânone literário. Desta forma, fica mais evidente a necessidade de constituição de clássicos brasileiros que demonstrem a riqueza da língua e cultura nacional, a sua maturidade intelectual e erudição estética. A seleção de textos da obra de José Veríssimo procedida por Olívio Montenegro encaixa-se adequadamente nestas preocupações de conservação da cultura nacional.

O que é um clássico? E por que lê-lo? No livro *Por que ler os clássicos*, Italo Calvino (1993) enfrenta duas questões que justificam os ensaios, artigos, prefácios e resenhas que compõem a obra. Dentre as 14 definições de clássicos, a quinta e a sétima nos parecem as mais representativas:

5. Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma *releitura* [...].

7. Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as *marcas das leituras* que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais

simplesmente na linguagem ou nos costumes) (CALVINO, 1993, p. 11. - grifos nossos).

Estas *marcas de leitura* ficaram explícitas em expressões que retomavam uma determinada obra clássica no universo científico e literário, abrangendo clássicos antigos ou modernos. As aventuras de Ulisses por séculos foram o modelo de viagem marcada pela vicissitude e superação; porém a leitura do texto original geralmente revela incrustações, deformações ou dilatações das *marcas de leitura* legadas até o primeiro contato com o texto de Homero. Semelhante fenômeno se repete com leituras de *Pais e filhos* de Turgueniev, *Os possuídos* de Dostoiévski, ou mesmo em adjetivos como *kafkaniano* utilizado nas conversas mais prosaicas dentro e fora de contexto: “A leitura de um clássico deve oferecer-nos alguma surpresa em relação à imagem que dele tínhamos” (CALVINO, 1993, p. 12). Calvino (1993) sublinha ainda que nunca é demasiada a recomendação da leitura direta do texto original, de modo a não se restringir a bibliografias críticas, comentários e interpretações, que representam sempre uma *releitura*. A escola e a universidade deveriam ensinar que nenhuma leitura introdutória esgota ou diz mais sobre o texto original, mesmo que, por vezes, façam que se comprehenda o contrário.

Segundo Italo Calvino (1993), há uma inversão de valores largamente estabelecida ao se acreditar que seja bastante o contato com a introdução, o instrumental crítico, a bibliografia sobre determinado livro; isto, na verdade, representa uma cortina de fumaça que obscurece o que o livro tem a dizer e que só pode dizer sem intermediários que aspiram saber mais do que o próprio livro. Aqui deriva a sua definição 8 de “clássico”: “[...] Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma *nuvem de discursos críticos* sobre si, mas continuamente as repele para longe” (CALVINO, 1993, p. 12 – grifo nosso). Desta forma, Calvino (1993) considera que um clássico é o resultado de leituras legadas por expressões que marcam ou sintetizam a ideia de uma determinada obra, criando-se uma imagem ou compreensão prévia, geralmente, produzida por estudos introdutórios, prefácios, resenhas ou bibliografias críticas – ou, no

nosso caso, uma antologia escolar que realizou uma seleção e proporcionava uma leitura sobre a obra de um autor que se pondera relevante, que se considera ser um *clássico* que deva ser lido e apreciado.

Mas, afinal, o que é uma antologia? Silvana Serrani (2008) analisou algumas antologias bilíngues sobre poetas argentinos, levantando questionamentos acerca da função das antologias como dispositivo de formação de leitores e como instrumento de construção da representação político-cultural de literaturas nacionais ou regionais. Na mesma medida que reconhece a escassez de estudos críticos e analíticos sobre antologias, Sarrani (2008) oferece a seguinte definição:

A antologia é um gênero discursivo que oferece muita informação sobre o modo em que se escreve e lê literatura e sobre seu papel em uma cultura e época dadas e, como se sabe, o gênero contribui diretamente para formar e transformar cânones, confirmar reputações literárias e estabelecer ou interferir em práticas letradas de gerações de leitores (SERRANI, 2008, p. 270).

Estas definições de Italo Calvino e Silvana Serrani nos ajudam a pensar a construção da antologia escolar de textos da obra literária de José Veríssimo como *marcas de leitura*, bem como um *gênero discursivo* que forma e transforma em cânones determinados autores e seus escritos, interferindo recepção crítica da obra e na formação de leitores. Assim, realiza-se neste trabalho a análise da antologia escolar como uma forma de *recepção* e *seleção* dos estudos literários da extensa obra histórica, etnográfica, educacional e literária de José Veríssimo. Ao passo que a antologia contribui para a sua *canonização* como um “clássico” da Literatura Brasileira: a sua consagração como crítico literário.

Isto posto, consideramos esta antologia escolar sob *três perspectivas*. Em primeiro lugar, concebe-se a antologia escolar na articulação entre História e Literatura, consistindo na recepção e seleção de um autor e sua obra que

registrou um processo histórico, tendo em vista também que esse processo de recepção e seleção *produz* processo histórico. Isto é, a relação entre História e Literatura é pautada na simultaneidade entre produção literária e processo histórico. Não é dimensionado como reflexo, nem determinação, tampouco autonomia entre produção literária e processo histórico. De acordo com Nicolau Sevcenko (2003) ocorre dialeticamente uma “relação tensa de intercâmbio e confrontação” entre processo histórico e produção literária, na qual esta última revela todo o seu potencial de produção discursiva, transformando-se no registro das relações sociais contraditórias captadas e moduladas pela linguagem. Neste momento, a literatura é um documento para a historiografia. A literatura produz história, sendo instituição social que articula relações de produção e consumo, constituída de aspectos gerais ou específicos, formais ou temáticos, reprodutivos ou criativos, com variadas significações, que são incorporadas e produtoras do contexto histórico.

Em segundo lugar, a antologia escolar é ponderada nas suas *condições sociais de leitura* como produto de *leitores* autorizados, que operam *leituras* consagradas, situadas em determinada *tradição letrada*. Em outras palavras: “será que se pode ler qualquer coisa sem se perguntar o que significa ler, sem se perguntar quais são as condições sociais de possibilidade da leitura?” (BOURDIEU, 1990, p. 134). O sociólogo propõe como formulação que qualquer leitura de textos científicos ou obras literárias necessitam ser situados em um contexto de leitura, produzido por leitores autorizados, que agenciam leituras e escritas autorizadas, devidamente inseridos em uma tradição científica ou literária – ou seja, campo científico ou literário que define as regras que autorizam a leitura, a produção e a constituição da tradição.

Por fim, a antologia escolar é encarada como *discurso literário* que enfeixa a modulação dialógica de diversas vozes sociais condensados nas diversas linguagens do romance – no caso, da antologia, na seleção (por Olívio Montenegro) e recepção (por diversos autores) da obra literária de José Veríssimo. Segundo Mikhail Bakhtin (1988), os estudos estilísticos no século XX



ainda não haviam se colocado os problemas e as questões de estilo peculiares ao romance, ainda não haviam reconhecido a originalidade do discurso romanesco. Contudo, isso se modifica nos anos 1920: o discurso romanesco começa a conquistar um lugar na análise dos estudos estilísticos. O romance agora é considerado, se tomado em conjunto, como fenômeno *plurilingüístico*, *plurilíngue* e *plurivocal*, que acaba rompendo com as unidades de composição estilística dos estudos tradicionais, que estavam restritos ao discurso poético. As unidades estilísticas do romance são heterogêneas e formadas por uma combinação de estilos, é um sistema de várias “línguas” que formam o *discurso literário* – esta concepção é bastante compatível com *gênero discursivo* de Serrani (2008). Assim, a antologia escolar é um *discurso literário* composto por diferentes estilos, linguagens e proposições, que também contribui para a formação de leitores por ser um *gênero discursivo*.

Nesse sentido, diante destas perspectivas, sublinha-se que esta antologia escolar, como seleção e recepção da obra literária de Veríssimo, registrou o processo de canonização literária como crítico literário e, a partir disso, produziu o processo de formação de leitores enquanto *gênero discursivo*, reverberando a leitura consagrada de determinada tradição letreada como *discurso literário* de modulação dialógica entre seleção (realizada por um autor) e recepção (comentários e análises por vários autores). Além disso, reportava uma chave de leitura sobre a obra de José Veríssimo consagrada no trabalho de João Alexandre Barbosa (1974): a divisão entre *provincial* (obras produzidas no Pará) e *nacional* (obras produzidas no Rio de Janeiro) – a segunda fase consagra o intelectual maduro, como crítico e historiador da literatura, obscurecendo o formidável etnógrafo e historiador da realidade amazônica. Esta chave já estava presente na biografia de Francisco Prisco, *José Veríssimo. Sua vida e suas obras*, de 1937, lida e citada por Olívio Montenegro. Portanto, essa antologia escolar incorporou uma consagrada chave de leitura sobre a obra de José Veríssimo: a transformação em *clássico brasileiro* na consagração do *crítico literário*.

A trajetória intelectual de José Veríssimo ocorreu entre Pará e Rio de Janeiro. Nascido em Óbidos, oeste do Pará, realizou os estudos primários em Belém e Manaus, e os estudos secundários, no Colégio Pedro II, chegando a cursar Engenharia Civil na Escola Central (depois, Politécnica), abandonando por motivo de doença. Em Belém, colaborou nos jornais *O Liberal do Pará*, *A Província do Pará*, *A República* e *Gazeta de Notícias*. Destas colaborações derivaram os seus livros *Primeiras Páginas* (1878) e *Estudos Brasileiros – 1º série* (1889); destinado à literatura foi o livro de contos, *Cenas da Vida Amazônica*, introduzido pelo ensaio etnográfico *As Populações Indígenas e Mestiças da Amazônia*. Organizou a *Revista Amazônica*, periódico dedicado às letras, às artes e às ciências na região, entre 1883 e 1884. Veríssimo também se dedicou à educação, participando da *Sociedade Paraense Promotora da InSTRUÇÃO*, presidindo o *Collegio Americano* (1884-1890) e estabelecendo várias inovações educacionais; essa prática pedagógica facultou material empírico para a escrita do *A Educação Nacional* (1890) e as credenciais para ser diretor da Instrução Pública do Governo Provisório Republicano (1889-1891) (PRISCO, 1937; VERÍSSIMO, 1966).

Em 1892 mudou-se para o Rio de Janeiro. Na capital da República José Veríssimo destacou-se por sua colaboração na imprensa, escrevendo crítica literária diária nas páginas do *Correio da Manhã*, *Jornal do Comércio*, *O Imparcial* e nas revistas *Renascença*, *Almanaque Garnier* e *Kosmos*. Entre 1895 e 1899, foi diretor da *Revista Brasileira* agregando em seus sumários alguns nomes eminentes da época, como Machado de Assis, Sílvio Romero, Visconde de Taunay, Inglês de Sousa, dentre outros, configurando-se o núcleo-fundador da *Academia Brasileira de Letras*, de 1897. Veríssimo também assumiu postos avultados no âmbito educacional, sendo professor e diretor do Ginásio Nacional (nomenclatura republicana do Imperial Colégio Pedro II), da Escola Normal do Rio de Janeiro, e colaborador do Museu Escolar do Distrito Federal, também conhecido por *Pedagogium* – e ainda editou, em 1906, a segunda edição do *A Educação Nacional*. Suas publicações foram dedicadas à crítica e à história literária: *Estudos Brasileiros – 2º série* (1889-1893), os seis

volumes de *Estudos da Literatura Brasileira* (1901-1907), os três volumes de *Homens e coisas estrangeiras* (1902-1910) e *História da Literatura Brasileira* (1916). E também escreveu obras que escrutinavam a Amazônia no Rio de Janeiro: *A Amazônia – Aspectos Econômicos* (1892), *A Pesca na Amazônia* (1895), *Pará e Amazonas – Questões de* (1889), *Interesses da Amazônia* (1915). (PRISCO, 1937; VERÍSSIMO, 1966).

“SELEÇÃO DOS TEXTOS E ESTUDO CRÍTICO” DE OLÍVIO MONTENEGRO – UMA VOZ, UMA LEITURA AUTORIZADA

Nascido na Paraíba em 1896, Olívio Montenegro atuou no campo das letras, como escritor e crítico literário; no direito, sendo jurista e juiz; e na docência, lecionando a disciplina História. Ao lado de Gilberto Freyre e José Lins do Rêgo, deste último foi amigo e trocou copiosa correspondência, Montenegro participou da “Roda de Maceió”, grupo de intelectuais nordestinos que representou a contrapartida regionalista ao movimento modernista paulista quanto a discussão sobre estética e linguagem nacional no campo literário (SILVA, 2011).

A apresentação da antologia estava dividida em duas partes: “situação história” e “estudo crítico”. Na primeira, Montenegro expõe brevemente os principais acontecimentos históricos do século XIX, no Brasil e na Europa. Enfatizou como eventos decisivos para os destinos da nacionalidade brasileira: a Guerra do Paraguai, a Abolição da Escravatura e o advento da República. Afirmava Montenegro que Veríssimo não foi um mero expectador diante de tais fatos, se posicionando sobre estas questões de acordo com o espírito de suas convicções. Citava um trecho do *Educação Nacional*, no qual o intelectual paraense tece veemente crítica a escravidão, pois esta “execranda” instituição deixou “funestíssimos traços” na constituição da sociedade brasileira, que a obra iniciada pela lei de 13 de maio, só seria completada pela educação, nos



libertando da sua “peçonha”. E reportou a sua militância pela causa republicana, ao fundar junto a Lauro Sodré o “Clube Republicano no Pará”.

Mesmo que posteriormente, em razão de divergências e conflitos de interesses que dividiram os republicanos históricos, viesse a tomar uma posição bastante cética em relação ao novo regime, que na sua primeira década de existência conseguiu estabilidade política e econômica no governo de Prudente de Moraes. Sendo na segunda metade do século XIX que o Brasil conhece os grandes meios de comunicação, como o telégrafo submarino, as vias férreas e a navegação a vapor. Na Europa, a energia a vapor movimenta o sistema fabril, constituindo grandes complexos mecanizados; o telefone e o telégrafo estabelecem rápida comunicação entre países no continente; na França, grandes movimentos democráticos animam o contexto político, surgindo os primeiros partidos socialistas; na Itália e Alemanha ocorrem as movimentações políticas entorno do processo de unificação nacional; no campo intelectual, o positivismo e o naturalismo estabelecem as tendências de pensamento social e artístico, demonstrando que o homem preocupa-se cada vez mais em conhecer a sociedade; este é o momento da crítica literária, sendo os seus maiores expoentes a Inglaterra e a França.

No “estudo crítico”, Olívio Montenegro optou pelas obras literárias, sociológicas e educacionais de José Veríssimo, dando relevância aos estudos literários, definindo as características e o caráter do crítico literário e dividindo-as de acordo com o contexto de produção: no Pará e no Rio de Janeiro. Mesmo com uma trajetória escolar accidentada – iniciando seus estudos primários no Pará; continuando o ensino secundário no Colégio Pedro II e matriculando-se na Escola Central (depois Politécnica); adoeceu e regressou ao Pará – José Veríssimo conseguiu com uma formação quase autodidata: “um título que não deveu oficialmente a nenhuma escola nem a nenhum mestre, título que foi uma pura e arrojada conquista do seu espírito e da sua vontade: o de escritor” (MONTENEGRO, 1958, p. 6).

No contexto paraense, as duas principais obras que Montenegro fez

referência foram *Cenas da Vida Amazônica* e *Educação Nacional*. O *Cenas* foi o seu único livro de ficção no qual fazia a exposição literária da natureza amazônica, com “a minúcia e o gôsto de um bom paisagista, e ainda da melhor penetração psicológica é a pintura do homem tal como êle nos representa dentro do seu visguento e morno quadro social de vida” (MONTENEGRO, 1958, p. 7). A despeito de ser um livro pouco conhecido, ele era daqueles que conseguiram equilibrar a cor local, sem qualquer ênfase azeda e estridente, com traços tipicamente brasileiros. Os contos “O Bôto”, “Crime do Tapuio” e “A Sorte de Vicentina” exemplificaram a riqueza da descrição regional e as cenas vigorosamente dramáticas do caráter brasileiro. Para afiançar seus julgamentos, Montenegro citou um texto de Machado de Assis sobre o *Cenas*, no qual considerava Veríssimo um escritor com estilo e mão bem assentada, dominando a sua matéria de escrita, com graça, poesia e vigor nas imagens que construía.

Introduzindo a primeira edição do *Cenas*, em 1886, havia o ensaio etnográfico *As Populações Indígenas e Mestiças do Brasil*, versão modificada do estudo publicado originalmente em 1878 com o título *Raças Cruzadas do Brasil*. Aqui, Montenegro apresenta uma interessante imprecisão: no lugar de “Brasil” o correto é “Amazônia”. Erro que ele também apresenta nos dados biográficos do Veríssimo, fixando no ano de 1880 a sua atuação com Diretor da InSTRUÇÃO no Pará – ele foi diretor em 1890. Segundo o organizador da antologia escola, o ensaio apresentava uma caracterização bastante realista do caráter e dos costumes dos antigos habitantes da Amazônia, sendo a descrição da pesca da tartaruga uma das suas passagens mais marcantes.

Então, o *Educação Nacional*, editado no Pará em 1890, segundo Montenegro foi um divisor de águas:

Ainda no seu tempo do Pará nota-se uma outra obra de José Veríssimo que, em meio menos distraído e de leitores menos apressados, mesmo hoje, a sua repercussão seria diferente: trata-se do livro *A Educação Nacional*, que êle publicou em 1891, no mesmo ano que se muda para o Rio (MONTENEGRO, 1958, p. 8 – grifo do autor).

O livro lançava apreciações críticas que combinaram a constatação dos principais problemas educacionais (ausência de legislação bem constituída, métodos e materiais organizados, professores adequadamente formados etc.) brasileiros no início do período republicano, com uma vigorosa análise sociológica e histórica sobre a vida social e doméstica, dimensionando, por exemplo, as influências deletérias da escravidão no caráter brasileiro e como a educação poderia contribuir para a renovação da nacionalidade.

Na segunda edição do *A Educação Nacional*, de 1906, acompanhada de uma “Introdução”, na qual atualizava a discussão educacional para o início do século XX e constatava que as reformas e modificações no campo da educação no início da República surtiram nenhum ou quase nenhum efeito, de modo que ainda se amargava os mesmos problemas e impasses. De acordo com Montenegro, Veríssimo começava a lidar com problemas nacionais, eis a inflexão:

De certos problemas ligados mais à formação étnica e à vida social das populações da região amazônica fez em verdade José Veríssimo o principal assunto dos seus primeiros livros. Ainda êsse estudo, por circunscrito que pareça, um meio dele chegar a uma maior clarificação do *gênio nacional*. Porque o nacionalismo em Veríssimo não foi nunca o que se possa chamar de expansão lírica de um exaltado espírito patriótico: pareceu antes uma reverberação mais intensa do homem e uma clarividência do escritor.

Quando êle interrompe os seus trabalhos meio de ficção meio de história, no Pará, é para fixar-se inteiramente na *crítica literária*. O historiador rapidamente evoluiu no crítico. Aliás o historiador e o crítico se tocam por muitos pontos, e por vezes se interpenetram. Os exemplos mais altos dessa coincidência admirável iríamos encontrar em certos e famosos críticos estrangeiros: Hazlitt, Carlyle, Sainte Beuve, Taine (MONTENEGRO, 1958, p. 9 – grifo nosso).

José Veríssimo conseguia combinar em sua crítica literária o valor social dos fatos histórico ao valor artístico dos fatos da literatura, demonstrando as razões sociais, filosóficas e estéticas de ser da literatura. Suas análises foram objetivas, rigorosas e precisas, uma vez que não deixaram de ser marcadas pela

imaginação e sensibilidade. De acordo com Montenegro, estas são as marcas que distinguem as suas obras *Estudos de Literatura Brasileira* e *História da Literatura Brasileira*: analisam as vicissitudes que a literatura brasileira travou para criar autonomia e originalidade diante do espírito e tradição de outras literaturas, sobretudo, de Portugal e França.

Para Montenegro, a diferença fundamental entre José Veríssimo e Silvio Romero residira na objetividade e impessoalidade que caracterizaram os julgamentos do intelectual paraense. Romero, sem dúvida, fora um grande inovador no estudo da literatura brasileira, ao encaminhar a sua interpretação conjugando doutrina científica com doutrina política na evolução da história literária. No entanto, isso assumiu por vezes um tom pessoal e polemista que acabava obscurecendo o seu senso do crítico. Destoava de Veríssimo, que de maneira independente, cumprira o papel do verdadeiro crítico segundo Machado de Assis – citado por Olívio Montenegro: “O crítico deve ser independente – independente em tudo e de tudo – independente da vaidade dos outros e da vaidade própria” (MONTENEGRO, 1958, p. 11).

Dois exemplos que demonstraram essa isenção, objetividade e independência de análise foram a crítica que Veríssimo realizou das obras de Euclides da Cunha e Machado de Assis. Quando veio a lume *Os Sertões*, que confundiu e ofuscou o juízo crítico dos estudiosos à época, Veríssimo se destacou por mostrar clareza e discernimento ao dizer o que havia de original e orgânico, na força, eloquência e comoção analítica da linguagem empregada, bem como de enfático e exaustivo, sobretudo na falta de simplicidade e excesso de hermetismo.

Quanto a Machado de Assis, sempre exaltou o estilo inovador e original, vigoroso e único na literatura brasileira; porém, não atenuou críticas aos rasgos românticos de sua primeira fase, mesmo que tivessem ressonância na época; e era capaz de comparações de resultados imprevistos: colocava Machado de Assis, ao lado de Gauthier e D’Annunzio, julgando estes dois superiores, mesmo que tivessem arroubos românticos.

Conforme Montenegro, Veríssimo não escrevia apenas com espírito. Escrevia com espírito e caráter. Em certa oportunidade, o intelectual paraense afirmou:

Nunca jamais lisonjei quem quer que fosse, nem os meus amigos, e menos ainda os que me pudessem servir. Não procurei nunca agradar aos poderosos, aos distribuidores de empregos e favores, ou a qualquer potência social, como o jornalismo, onde militei mas que nunca amei (MONTENEGRO, 1958, p. 14).

Veríssimo militou em jornais no Pará e no Rio de Janeiro, e nisto aproximou-se, segundo Montenegro, do crítico francês Saint-Beuve, de quem, se não assimilara as qualidades poéticas e o estilo, incorporou em demasia a sua independência de espírito, o rigor e objetividade de análise. Para ambos, compromissos, favores e interesses que vinculassem a análise e a crítica não convinham ao verdadeiro homem de letras.

Portanto, Olívio Montenegro compareceu como um *leitor autorizado* apresentando uma *leitura autorizada* da obra de José Veríssimo. Estabeleceu uma periodização que valorizara claramente as obras de caráter literário e a preocupação com questões nacionais, encaminhando, por sua vez, a compreensão de que o autor paraense sofrera uma passagem de historiador/etnógrafo preocupado com questões amazônicas para o crítico/historiador da literatura que amadureceu o seu gênio nacional.

Nesta passagem, Veríssimo havia sido canonizado como crítico literário marcado pela independência, rigor e objetividade de análise dos fatos literários – estas foram as *marcas de leituras* de Olívio Montenegro que transformaram o intelectual paraense em *clássico brasileiro*. Mais à frente observa-se que outras modulações desta consagração e canonização foram realizadas por outros intelectuais brasileiros com diferentes julgamentos e pontos de vista sobre a obra de José Veríssimo.



“JULGAMENTO CRÍTICO” OU A RECEPÇÃO CRÍTICA – OUTRAS VOZES, OUTRAS LEITURAS AUTORIZADAS

A sessão “julgamento crítico” foi destinada a reconhecidos escritores, críticos e historiadores da literatura, leitores autorizados que apresentaram diferentes tons de recepção sobre a obra de José Veríssimo. Desenvolveram sob distintos pontos de vista apontamentos arrazoados por Montenegro e compartilhando um ponto comum: apreciação de Veríssimo como crítico literário e seus estudos sobre a literatura brasileira.

O primeiro autor selecionado pelo intelectual paraibano foi Machado de Assis, que já havia feito referência no seu texto de introdução e reconhecia em Veríssimo um literato com pleno domínio do vernáculo, mão assentada com estilo, poesia e graça:

Em tão várias cenas e lances de estilo do Sr. José Veríssimo (salvo nos ‘Esbocetos’, cuja estrutura é diferente) é já estilo correntio e vernáculo dos seus escritos posteriores. Já então vemos o homem feito, de mão assentada, dominando a matéria. Há, a mais, uma nota de poesia, a graça e o vigor das imagens que outra sorte de trabalhos nem sempre consentem [Machado de Assis. Crítica Literária. Ed. Jackson, pág. 250] (MONTENEGRO, 1958, p. 113).

Ao passo que Ronald de Carvalho, importante historiador da literatura brasileira, reservou espaço no seu *Pequena História da Literatura Brasileira*, no qual ressaltava precípua mente a honestidade intelectual e o estilo aberto, rigoroso e franco como as principais qualidades de Veríssimo e seus estudos críticos. Na verdade, Carvalho notava em Veríssimo um crítico objetivo que conseguia distinguir claramente em sua análise o homem ou o autor da obra literária e utilizava os dados biográficos caso fossem imprescindíveis para a explicação e o entendimento da obra. Filiava a pena do literato paraense ao melhor da crítica literária francesa (Saint-Beuve e Brunetière) e inglesa (Macaulay):

José Veríssimo tem uma qualidade fundamental, que ressalta de qualquer estudo seu, que está em todos os seus conceitos e em toda a sua produção: a honestidade escrupulosa. Sua inteligência não tem requintes, seu estilo não tem opulência, mas não há um só comentário seu que não seja sincero, franco, aberto. Ao contrário de Sílvio, José Veríssimo via apenas a obra e nunca o homem, exaltava ou condenava o escritor sem se importar com a sua categoria social ou mesmo literária. O autor, para ele, era uma figura secundária, sem interesse imediato, a não ser quando havia na sua vida um ou outro pormenor que pudesse explicar com mais segurança certas particularidades da obra. Discípulo dos franceses por Sainte Beuve e Brunetière, e dos ingleses por Macauley, Veríssimo foi o que se pode chamar um crítico objetivo [Ronald de Carvalho. Pequena História da Literatura Brasileira. Ed. Briguet, 1922, p. 344] (MONTENEGRO, 1958, p. 113).

Ao sublinhar a filiação de José Veríssimo a tradição crítica francesa de Saint-Beuve e Brunetière, como já havia feito Montenegro e Ronald de Carvalho, Tristão de Ataíde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima) pareceu proceder com o mesmo recorte temporal de Montenegro, pontuando as qualidades reiteradas de objetividade e rigor analítico sob o espírito neoclássico e anti-romântico em contraposição aos ímpetos românticos e tons regionalistas que marcariam as primeiras obras do intelectual paraense:

O mesmo rigor, a mesma objetividade, o mesmo predomínio da razão sobre o sentimento, o mesmo espírito neoclássico e anti-romântico, tudo isso iria constituir, no seu plano, e com as devidas transposições analógicas, o mesmo fundo intelectual de que partiria o jovem crítico paraense de início ainda seduzido por certo romantismo regionalista, para o lugar de enorme prestígio que um dia iria ocupar o mais temido e o mais acatado dos nossos críticos profissionais do *reviewing*, em moldes bebidos em Sainte Beuve e Brunetière [Tristão de Ataíde. Suplemento do *Diário de Notícias*, de 28 de abril de 1957] (MONTENEGRO, 1958, p. 113-114 – grifo do autor).

Conforme Álvaro Lins, José Veríssimo distinguiu-se por ser “um modelo e um estímulo”, em razão de sua autenticidade e independência de crítica e julgamento. Olívio Montenegro já havia levantando essa ideia de modelo por conta de Veríssimo encarnar o ideal de crítico independente e isento de

Machado de Assis. Parece que Álvaro Lins concordara com Machado de Assis. Colocar em ação tal ideal fez, segundo Lins, Veríssimo angariar muitos inimigos e o trabalho silencioso e criterioso de sua pena, que não poupava ninguém de uma avaliação objetiva e ponderada, motivo de raiva a seus adversários:

A José Veríssimo coube, aliás, o destino de todos os críticos autênticos – os que dizem a verdade, os que não vendem a consciência, os que se mantêm livres de todos os compromissos, os que respeitam a dignidade das letras – e só estranhou a sua sorte porque não podia contemplar atrás um exemplo que o sustentasse como qualquer de nós pode hoje contar com a sua presença como um modelo e um estímulo. Escrevendo sobre Sainte Beuve, dizia André Bellersot que em geral estimamos a crítica, mas não os críticos. Podemos acrescentar que quase sempre os críticos são respeitados ou temidos, mas não são amados. Depois de vinte cinco anos de crítica, José Veríssimo contava com uma multidão de inimigos, de todos aquêles que ele desenganara com o seu invariável amor à verdade. A todos êsses inimigos, durante toda a sua vida, não deu o gôsto de o verem perturbado, indeciso, ou assustado. E era essa atitude de compostura e de silêncio que mais fazia sofrer os seus adversários [Álvaro Lins. *Jornal de Crítica*, Ed. José Olímpio, série 3^a, pág. 31] (MONTENEGRO, 1958, p. 114).

Ao estabelecer a comparação com Adolfo Varnhagen e Sílvio Romero, respectivamente, um dos grandes historiadores brasileiros e primeiro historiador da literatura, Manuel Bandeira considerava José Veríssimo o primeiro grande crítico literário brasileiro, para quem a literatura representava as boas e belas letras, a cultura erudita escrita em verso e prosa:

Certo foi José Veríssimo o nosso primeiro grande crítico literário. Creio poder falar assim, sem menosprêzo da ordem admirável de Varnhagen e de Sílvio Romero. Varnhagen foi, sobretudo, um historiador, e a história da literatura de Sílvio Romero era por ele tratada como um setor da vida intelectual de um povo; Romero, um crítico no sentido amplo, mas preocupado com os valores sociais da literatura. Veríssimo encarava a literatura de um ponto de vista mais restrito: para ele literatura era arte literária, sinônimo de boas letras [Manuel Bandeira. Suplemento de *A Manhã*, de 12 de junho de 1949] (MONTENEGRO, 1958, p. 114).

Se Veríssimo foi o primeiro grande crítico brasileiro, salientou Otto Maria Carpeaux, isto se deve a uma vocação de nunca trair seus critérios, preferências e convicções, pois quando todos faziam uníssono sobre determinada moda literária, o autor de *Cenas da Vida Amazônica* estava na contramão, fazendo a contraposição, expondo outro ponto de vista:

José Veríssimo foi crítico por vocação. Apesar da sua preferência pelos nossos românticos, fato testemunhado por nosso mestre Manuel Bandeira, e pelos grandes elogios que despendeu a Camisiro, nunca teria caído no êrro grotesco de Sílvio Romero exaltando Álvares de Azevedo às expensas de Baudelaire. Criticou bem o conceito errado de uma ‘escola mineira’ homogênea. Não cedeu ao gôsto popular pelo romance-folhetim de Macedo. Sabia falar de Castro Alves com admiração e ênfase. Teve coragem de zombar da gramatiquice, a propósito da *Réplica*. Percebeu a falta de invenção poética de Raimundo Correia. Quanto todos se ajoelhavam diante de Bilac falou friamente em brilho e eloquência [Oto Maria Carpeaux. Suplemento do *Diário de S. Paulo*, 25 de julho de 1954] (MONTENEGRO, 1958, p. 115 – grifo do autor).

Corroborando com a posição de Carpeaux, Lúcia Miguel Pereira afiançava que na história literária brasileira, por dificilmente tergiversar da singularidade de seu senso crítico e a manutenção da coerência ser uma das suas grandes marcas, Veríssimo representou um ponto de orientação e referência de probidade crítica:

Entretanto embora não infalível, já que humano, o senso crítico de José Veríssimo muito raramente o traiu; em regra, ao contrário, constitui para todos os que se ocupam da história literária um guia, um orientador firme e da maior probidade [Lúcia Miguel Pereira. Suplemento do *Estado de S. Paulo*, de 26 de setembro de 1954] (MONTENEGRO, 1958, p. 115).

O seu primeiro biógrafo, Francisco Prisco, concordava com a formulação de Olívio Montenegro: o literato paraense deu importante contribuição a literatura brasileira a partir do momento que suas análises

assumiram um caráter nacional. Suponho que, por uma questão de relevância e antecedência, Montenegro incorporou a leitura de Prisco:

Já é tempo de dizermos da influência exercida pelo escritor paraense em nossa evolução literária. Ela é incontestável. José Veríssimo não só concorreu grandemente para a respeitabilidade entre nós da vida do homem de letras, mas também para a orientação da produção literária, dando-lhe o caráter a princípio de mais acentuado nacionalismo e depois de maior interesse social e humano [Francisco Prisco. *José Veríssimo, Sua Vida e Suas Obras*. Ed. Bedeschi, pág. 183] (MONTENEGRO, 1958, p. 115).

Os historiadores, críticos e escritores selecionados por Olívio Montenegro na composição do “julgamento crítico”, em alguma medida representaram a voz da autoridade, os leitores autorizados que matizaram e foram categóricos no reconhecimento de José Veríssimo como um importante crítico literário brasileiro. Na verdade, ofereceram, ratificaram e ampliaram algumas *marcas de leitura* de Montenegro, cristalizando a recepção crítica que consagrou o intelectual paraense em um clássico brasileiro.

Eles representaram outros leitores autorizados, que, talvez, por estratégia discursiva de Montenegro, apontaram de forma mais contundente as características de “autenticidade e independência”, o estilo “aberto, rigoroso e franco”, que marcaram a sua honestidade intelectual; ao mesmo tempo, que elegeram Veríssimo como “modelo e estímulo” que encarnara o ideal de crítico, cujos juízos afirmavam com segurança ser o primeiro grande crítico literário brasileiro. Estes leitores autorizados conceberam mais um cânones, mais um clássico para habitar o panteão da literatura brasileira – ironicamente, panteão encarnado na Academia Brasileira de Letras, fruto do trabalho de José Veríssimo e Machado de Assis.

“QUESTIONÁRIO” – A FORMAÇÃO DE LEITORES OU A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA

“Questionário” constituiu a parte propriamente pedagógica da antologia escolar. Montenegro formulou questões com o objetivo de fixar o conteúdo dos textos selecionados. Foram dezesseis perguntas agrupadas sob três temáticas: educação, sociologia/história do Brasil e história da literatura.

Consideramos que esta antologia escolar foi preparada na “relação tensa de intercâmbio e confrontação” entre História e Literatura, consistindo na recepção e seleção de um autor e sua obra que *registrou* um processo histórico, assentados na “apresentação” e “julgamento crítico” escrito e selecionado por Olívio Montenegro. Ao mesmo tempo que esse processo de recepção e seleção produziu processo histórico: a formação de leitores é promovida pela seleção de textos da obra de José Veríssimo, possibilitando um exercício de leitura e apropriação do conhecimento, bem como um exercício de escrita e fixação do conhecimento (CHARTIER, 1996; GALVÃO; BATISTA, 2007; LAJOLLO, 1996; QUEIROS, 1999).

Curiosamente, a despeito de a antologia selecionar textos de caráter literário da obra de José Veríssimo, as perguntas do “questionário” centraram-se basicamente em temas educacionais e de sociologia/história do Brasil – observar nos Quadros 1, 2 e 3 a seguir.

Quadro 1 – Questionário sobre Educação.

EDUCAÇÃO
Que papel atribuía José Veríssimo à iniciativa particular em matéria de ensino?
Comparar o que diz o autor de <i>Educação Nacional</i> do ensino particular no seu tempo com o que hoje se conhece do mesmo ensino.
Quais os males decorrentes do hábito que tinham os pais ricos de preferir que os filhos logo cedo se educassem na Europa?
Explicar os vícios mais graves que José Veríssimo aponta no ensino secundário do seu tempo

EDUCAÇÃO

e compará-los com os de hoje.

Mostrar os maus efeitos do “pistolão” na vida educacional no Brasil?

Como era a educação da mulher no tempo a que se refere José Veríssimo?

Fonte: Montenegro (1958).

Quadro 2 – Questionário sobre Sociologia/História do Brasil.

SOCIOLOGIA / HISTÓRIA DO BRASIL

Que causas teriam, até o século XIX, interrompido no Brasil o desenvolvimento do sentimento nacional?

Como José Veríssimo considera a influência da mulata no caráter brasileiro?

Onde se fez sentir na sociedade brasileira a boa influência do negro?

Dar os motivos que muito facilitaram a infiltração do positivismo no Brasil?

Como José Veríssimo julga Marquês de Pombal?

Como seria, segundo José Veríssimo, a situação do povo brasileiro sob a dominação holandesa?

Como se explica a antiga submissão da mulher brasileira em relação ao marido?

Fonte: Montenegro (1958).

Quadro 3 – Questionário sobre História da Literatura.

HISTÓRIA DA LITERATURA

A que escola literária se filiam os contos de José Veríssimo?

Como era a Bahia ao tempo do poeta Botelho de Oliveira?

Que julgar do paralelo que faz José Veríssimo entre Machado de Assis e Anatole France?

Fonte: Montenegro (1958).

Acreditamos que duas explicações se tornam possíveis. Em primeiro lugar, uma questão de ênfase que justificasse o seu caráter escolar e possível aplicação no contexto educacional, conjugando conhecimentos literários com

explicações sobre a sociedade brasileira. Oferecer, desse modo, uma formação literária inicial baseada em excertos de texto que não ficassem fragmentados e compreendidos em si mesmos, contextualizando com conhecimentos mais amplos sobre a realidade brasileira e os dilemas e problemas educacionais. Em segundo lugar, equilibrar a própria composição da antologia sem restringi-la a temática literária. A rigor, a “apresentação” e “julgamento crítico” encaminharam a compreensão para conhecimentos e questões especificamente literárias. Por isso, ponderamos que haja um descompasso entre aquelas partes e o “questionário”, que procurava compensar formulando questões que tratassem de temáticas educacionais, sociológicas e históricas.

Tal descompasso é naturalmente explicável para quem tem formação e competências relacionadas a conhecimento literário e pouco ou nenhuma competência sobre encaminhamentos pedagógicos e questões educacionais. Isto fica evidente na redação das perguntas, mesmo não sendo escopo deste trabalho analisar o caráter pedagógico do questionário, podemos dizer que esta forma de exercício/avaliação é associada a métodos tradicionais de aprendizagem, preocupados com a memorização acrítica de conteúdos e a mensuração técnica de resultados educacionais.

Contudo, é neste descompasso que a antologia forma seus leitores, é neste descompasso que esta antologia *produz* processo histórico: porque é o modo como oferta conhecimentos e saberes escolarizados para a formação de leitores com competências e habilidades relacionados a literatura, sociologia e história brasileira. Mesmo que se encaminhe inocuamente para a erudição em termos literários, impossibilitando a sua aplicação como recurso pedagógico no contexto escolar.

A peculiaridade desta antologia é o descompasso entre conhecimentos literários, históricos e educacionais para a sua utilização no contexto escolar. Supõe-se que a sua formulação concentrou esforços em canonizar e consagrar os escritos e trabalhos literários de José Veríssimo como renomado crítico literário brasileiro, um clássico brasileiro, cujo conhecimento era imprescindível para a

formação básica escolar do jovem leitor brasileiro, mesmo com equivocada construção didática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A legenda de José Veríssimo (1857/1915), enquanto crítico literário e historiador da literatura brasileira, encontra-se fortemente solidificada nos diversos estudos (acadêmicos ou não) e biografias escritas acerca de sua pessoa, desde seu falecimento. Por outro lado, é possível observar que continuam eclipsadas as suas idéias e obras no campo da história do pensamento social brasileiro.

Neste contexto, as obras de José Veríssimo dedicadas aos estudos literários acabaram constituindo-se em sua ‘herança intelectual’, enquanto objeto de análise dos pesquisadores vinculados à área da teoria e história da literatura nacional, ofuscando suas contribuições no campo da etnografia da Amazônia. Na verdade, até mesmo os estudiosos de raça e nacionalidade no pensamento social brasileiro, negligenciaram a importância da obra etnográfica do escritor paraense, mesmo que não ignorando a legenda de José Veríssimo no campo das letras no Brasil, nas últimas décadas do oitocentos e primeiros vinte anos do século XX.

Talvez o próprio fato do pensamento social e etnográfico em José Veríssimo ter-se caracterizado por sua circunscrição à análise da realidade amazônica, possa ter contribuído para sua suposta *menor* importância no cenário nacional da época, segundo sugerem os *silêncios da bibliografia* [...] (BEZERRA NETO, 1998, p. 240 – grifos nossos).

Fizemos esta copiosa citação pois sintetiza basicamente o argumento deste trabalho. José Maia Bezerra Neto identificou como os estudos literários de José Veríssimo foram valorizados em relação aos seus trabalhos cujo objeto é a realidade amazônica. Sendo estes últimos considerados de *menor* importância, revelando um inquietante *silêncio da bibliografia*.

Acrescenta-se apenas que tal constatação produziu uma *chave de leitura* sobre a obra de José Veríssimo: os trabalhos de João Alexandre Barbosa (1974) estabeleceram a divisão entre *provincial* (obras produzidas no Pará) e

nacional (obras produzidas no Rio de Janeiro). Os estudos de crítica e história da literatura são o divisor de águas: a etnografia produzida por Veríssimo ainda estava supostamente enviesada pela influência das teorias deterministas da *Geração 1870*; o crítico literário e historiador da literatura desponta como intelectual brasileiro porque deixa de lado tais limitações da juventude e produz uma obra modelar sobre a literatura nacional. Consideramos que a antologia escolar “José Veríssimo – Crítica” produzida por Olívio Montenegro, compondo o catálogo dos títulos disponíveis da coleção “Nossos clássicos” já estava delineando alguns elementos da *chave de leitura* sobre a obra de José Veríssimo que ficou consagrada no trabalho acadêmico de João Alexandre Barbosa. Tanto Montenegro quanto Barbosa incorporaram a leitura autorizada de Francisco Prisco.

Tal antologia escolar, como este trabalho procurou analisar, é uma complexa obra de canonização literária, uma vez que é resultado de diferentes e convergentes *marcas de leitura de leitores autorizados* no campo literário brasileiro; organizando distintas modulações de julgamento e recepção sobre os trabalhos literários de José Veríssimo, tecido em um *discurso literário* plurivocal e polifônico; marcado pelo tenso e conflituoso intercâmbio entre História e Literatura, que *registrou* o processo histórico por meio da seleção e recepção, ao mesmo tempo que *produziu* processo histórico como *gênero discursivo* no momento que ofereceram conhecimentos literários, sociológicos e históricos sobre a sociedade brasileira na formação de leitores entre os jovens secundaristas brasileiros.

No contexto das décadas de 1950 e 1970, sob a pressão da indústria cultural marcada por informações e conteúdos estrangeiros, era necessário preservar e construir clássicos brasileiros que demonstrassem a beleza vernácula e erudição literária da cultura brasileira: José Veríssimo foi canonizado como clássico em uma antologia escolar. Foram os processos de consagração que criaram os *silêncios bibliográficos*, legando *marcas de leitura* que ofuscaram a leitura dos clássicos – como salientou Italo Calvino (1993). Do

mesmo modo, transformava essa chave de leitura em um elemento de formação de leitores que procurava assentar uma concepção erudita na retomada de determinados cânones da literatura considerados clássicos brasileiros. Embora, em razão disso, os estudos de José Veríssimo sobre a cultura e a sociedade amazônica permaneçam ainda hoje desconhecidos: o *clássico brasileiro* obliterou o *intelectual amazônico*.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Discurso do romance. In: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética** (A Teoria do Romance). Tradução de Autora Berbardini. São Paulo: Editora Unesp; Hucitec, 1988. p. 71-210.
- BARBOSA, João Alexandre. **A tradição do impasse**: linguagem da crítica e crítica da linguagem em José Veríssimo. São Paulo: Ática, 1974.
- BEZERRA NETO, José Maia. O homem que veio de Óbidos: pensamento social e etnografia em José Veríssimo. **Anais do Arquivo Públíco do Pará**. Belém, 3 (2), p. 239-261, 1998.
- BONATTO, Suzete de Paula. A seleção brasileira de escritores nos livros didáticos dos anos 70. **Educar em revista**, Curitiba, Brasil, n. 51, p. 85-101, jan./mar. 2014.
- BOURDIEU, Pierre. Leitura, leitores, letrados, literatura. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução de Cássia Silveira e Denise Pegorin. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CHARTIER, Roger (Org.) **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes (Org.). **Leitura**: práticas, impressos, letramentos. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- LAJOLO, Marisa. **A formação do leitor no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.
- MONTENEGRO, Olívio. **Jose Veríssimo – Crítica** (antologia escolar).

Seleção e estudo crítico de Olívio Montenegro. São Paulo: Editora Agir, 1958.
Coleção “Nossos Clássicos”.

PRISCO, Francisco. **Jose Veríssimo:** sua vida e suas obras. Rio de Janeiro: Redeschi, 1937.

QUEIROS, Bartolomeu Campos. **A formação do leitor:** pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. A antologia escolar e a ascensão do português no currículo da escola secundária brasileira. **Educação em revista**, Belo Horizonte, jul. 2002.

SERRANI, Silvana. Antologia: escrita compilada, discurso e capital simbólico. Alea, v. 10, n. 2, p. 270-287, jul./dez. 2008.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Simone. A “Roda de Maceió” e o Projeto Regionalista: uma perspectiva etnográfica das disputas ocorridas no mundo do livro dos anos 1930. **Revista de ciências sociais**, Fortaleza, v. 42, n. 2, p. 91-107, jul./dez. 2011.

VERÍSSIMO, Ignácio José. **José Veríssimo visto por dentro.** Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966.

FELIPE TAVARES DE MORAES possui Graduação (Licenciatura/Bacharelado) em História pela Universidade Federal do Pará (Ufpa), Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Pará (Ufpa) e Doutorado em Educação na Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: felipetavaresmoraes@gmail.com

 <http://orcid.org/0000-0002-2740-8263>

Recebido em: 02 de outubro de 2018

Aprovado em: 06 de maio de 2019



Revista História da Educação - RHE
Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação - Asphe
Artigo de acesso aberto distribuído nos termos de licença Creative Commons.